

## **Programa de Trabalho para a Direção e Vice Direção do Instituto de História** **Quadriênio: out 2024- set 2028**

### **Chapa:**

**Profa. Marta Mega de Andrade – Direção**

**Profa. Lise Fernanda Sedrez – Vice Direção**

As profas. Marta Mega e Lise Sedrez vêm apresentar seu programa de trabalho para a Direção do Instituto de História no próximo quadriênio.

### **1. Apresentação da chapa**

**A professora Marta Mega de Andrade se candidata à Direção do Instituto de História.** É professora titular da área de História Antiga, membro do Laboratório de História Antiga e do corpo permanente dos Programas de Pós-Graduação em História Comparada e História Social. Sob o regime 40h/DE, assumiu a função em 31/07/1997. Foi membro de diversas comissões, das quais se destaca a comissão de reforma curricular (antigo Departamento de História, 1998-2002), e assumiu a chefia do antigo Departamento de História (2001-2003), vice coordenadora do PPGHC (2007-2011), e vice-diretora do Instituto de História (2020-2024). Dirigiu o projeto de extensão @despensandoapolis (2020-2022), e participa da equipe do Viva+Cidade (2023-atual). Foi bolsista de produtividade em pesquisa entre 2014 e 2023, e manteve dois grupos de estudos (2008-atual): História e Historiografia da Antiguidade Grega (HHAG) e História e Filosofia (PHILOS).

Com 27 anos de serviço como professora da UFRJ, ao longo de toda a sua trajetória acadêmica a profa. Marta Mega participou ativamente dos projetos institucionais. Contudo, a partir da experiência adquirida como vice-diretora do Instituto de História no período das restrições da pandemia e de readaptação pós-quarentena, percebe que pode contribuir ativamente com a administração e a gestão, no sentido de encaminhar soluções e representar o IH como unidade no CFCH e na UFRJ.

**A professora Lise Sedrez compõe a chapa como candidata à vice-diretora.** É professora associada da Área de Américas, co-coordenadora do Laboratório História e Natureza (também grupo de pesquisa do CNPq), e do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em História Social e do ProfHistória. Sob o regime 40h/DE, tomou posse na UFRJ em 03/03/2011. Participou de várias comissões, foi editora-chefe da Topoi. Revista de História (2011-2015), vice-coordenadora (2016-2018) e coordenadora (2018-2021) do PPGHIS. É bolsista de produtividade em pesquisa desde 2020, e dirige o projeto de extensão “História Ambiental para Todos”. Foi também membro do Conselho de Ensino para Graduados (CEPG) entre 2013 e 2015, um espaço de aprendizado importante sobre o funcionamento da Universidade e da importância da autonomia universitária. Por entender que a universidade é um projeto coletivo, a profa. Lise Sedrez acredita que pode contribuir como vice-diretora do Instituto junto com a profa. Marta Mega, com propostas que permitam maior integração entre os membros do corpo social do Instituto de História, a partir de seus múltiplos saberes e experiências.

### **2. O Programa**

Desde que retomamos nossa presença no Instituto de História pós-pandemia, em 2022, deparamo-nos com antigos e novos desafios. Vemos a atuação da direção anterior muito marcada pela necessidade de responder aos dilemas imediatos desse processo de adaptação, fazendo o possível dentro de péssimas condições impostas, mas estamos otimistas com a mobilização

alcançada entre 2023 e 2024. Para nós, inaugura-se um novo período, em que estratégias para o futuro do IH — algumas delas já delineadas — precisam ser implementadas, e para tal temos eixos a focar. Os problemas enfrentados e soluções buscadas pela atual direção estão nos relatórios anuais de 2020 a 2023. Nosso programa de trabalho baseia-se nos relatórios, nas demandas da congregação e da plenária de graduação, e no diálogo cotidiano mantido com o corpo social do instituto ao longo dos últimos 4 anos. **Destacamos que se trata de um conjunto de metas dinâmicas que estão sendo apresentadas para que sirvam de base ao debate coletivo, podendo ser mudadas, aumentadas, cortadas, na medida em que ampliamos o diálogo, com reuniões periódicas com os setores discente e técnico-administrativo, além de reuniões regulares com os docentes nas plenárias do Instituto, com as coordenadorias de pós, as direções adjuntas. Enfim, buscaremos o diálogo, a comunicação, a transparência e as ações coletivas.**

### **Ponto 1. Propostas para o Instituto de História como unidade: instalações físicas, relações institucionais e visibilidade.**

O Instituto de História foi criado em dezembro de 2010. Contudo, sua existência como unidade departamental na estrutura institucional da Universidade remonta a 1967, quando o Departamento de História passou a fazer parte do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, também criado na mesma época a partir do desmembramento da Faculdade Nacional de Filosofia. O IFCS — História, Filosofia e Ciências Sociais — foi instalado no prédio do largo de São Francisco de Paula em 1969, em caráter “provisório”. E no Largo de São Francisco permanecemos até o dia de hoje. Trazemos este brevíssimo cômputo como preâmbulo às nossas considerações e propostas, pois precisamos lembrar que, entre 1967 e 2010, o Departamento de História fazia parte do IFCS. E entre 1969 e 2010, o IFCS consolidou sua presença e se tornou sinônimo de “lugar”, a tal ponto que nos referimos frequentemente ao nosso prédio como “o prédio do IFCS”. Mesmo que desde 2011 tenhamos nos tornado uma unidade separada e equivalente, ainda não fomos capazes de imprimir nossos traços na memória coletiva da UFRJ — incluindo aí a nossa própria memória, como corpo social do Departamento/ Instituto de História.

Isto promove desafios em vários níveis. Primeiramente, ainda somos incomodamente invisíveis na estrutura da universidade. Em segundo lugar, a confusão entre o prédio e o IFCS se estende para as responsabilidades quanto à manutenção predial, relacionamento com a Biblioteca e o bandeirão, manejo do espaço físico. Apesar da criação do Instituto de História ter sido acompanhada pela aprovação pelo Consuni da figura de uma comissão gestora do prédio, esta comissão nunca foi implementada, de fato. Como consequência, geralmente o IFCS acaba por sobressair como gestor único, situação que gera muitos atritos. Nesses 14 anos de convivência, as relações com a unidade “vizinha” seguem marcadas por conjunturas de maior ou menor diálogo informal entre direções, sem nenhuma clareza em relação às atribuições e à forma de participação do IH.

Para lidar com esses desafios, é preciso ter em foco nossa importância como unidade de porte relativamente grande no CFCH e na UFRJ, que precisa expandir suas atividades no espaço que divide com o IFCS e com duas outras unidades da UFRJ — a biblioteca (SIBI), e o restaurante universitário terceirizado (PR7). Temos responsabilidades para com o prédio e com o convívio, mas precisamos trabalhar para assumir essa responsabilidade como condição primária para o nosso crescimento e consolidação institucional como unidade. Assim sendo, propomos:

- I) **reafirmar junto ao CFCH e à Reitoria a necessidade da comissão de gestão predial**, com o intuito de gerir administrativamente tarefas comuns como os serviços de limpeza e segurança, a distribuição das salas de aula, relações com o bandeirão, relações com o SIBI. O IFCS e o IH são unidades acadêmicas que atualmente gastam boa parte de seu tempo equacionando medidas cotidianas das quais obviamente ambas as direções precisam ter ciência, e sobre as quais precisam ter capacidade de decisão; mas um aviso de falta d’água não deve ser dado pelo IFCS para o “prédio”; ele deve ser dado por uma

gerência administrativa para todas as unidades do prédio, que podem definir, conjuntamente ou independentemente, o tipo de ação a implementar.

- II) Acreditamos que é preciso, por isso, **consolidar a rotina de deliberação conjunta das direções do IFCS e IH**, para que os mecanismos criados sejam incorporados e ultrapassem os períodos de gestão dos diretores, tornando-se parte dos procedimentos administrativos e acadêmicos normais. A luta pelas reformas infraestruturais urgentes do prédio precisa dessa união. Não haverá reforma elétrica, com aumento da carga e climatização das salas, reforma hidráulica, modernização das salas de aula, recuperação das salas dos laboratórios e professores etc., se não houver ação e fala conjunta do IFCS e do IH para liberação de verbas, captação de recursos, confecção e aprovação de projetos na UFRJ e no IPHAN, o que envolve grandes desafios de mudança de percepção de professores, técnicos, estudantes, certamente. Desafios, ainda, de integrar a unidade e as unidades (IFCS-IH) às ações estratégicas do CFCH e da reitoria. Ao nosso ver, é essencial que as direções de IFCS e IH atuem conjuntamente nesse sentido, mas também no sentido mais amplo de promover o reconhecimento da importância acadêmica e relevância social de seus cursos, e, portanto, importância da recuperação de nosso prédio histórico, como parte do patrimônio da cidade e da sociedade.
- III) Enfatizando os problemas que o Instituto de História precisa resolver independentemente das outras unidades no prédio, há a questão dos reparos, consertos e reformas internas, emergenciais ou não, das salas ocupadas cotidianamente por laboratórios, gabinetes de professores e administração. Mesmo que não sejamos gestores de recursos, essas melhorias infraestruturais podem ser apresentadas, defendidas e requeridas ao CFCH e à reitoria da UFRJ. É objetivo da nossa chapa organizar essas demandas, criando um canal específico para solicitações de áreas, laboratórios e setores administrativos, constituindo processos, esclarecendo e publicizando os procedimentos e prioridades, e, ainda, verificando rotineiramente os espaços que precisam de intervenções e obras. **Precisamos criar rotinas administrativas de apuração e lida com demandas por obras, equipamentos, materiais, serviços, para evitar a informalidade e, ao mesmo tempo, tornar públicas todas as ações necessárias, iniciadas, em andamento e concluídas**
- IV) **Por fim, sobre nossa ocupação atual do espaço no prédio do Largo de São Francisco.** Para além dos desafios da integração das unidades e das nossas condições materiais cotidianas, precisamos refletir sobre necessidades de expansão do Instituto de História, que demandariam sua saída do Largo de São Francisco para uma outra sede. Para além daquilo que nos aflige e que temos em comum com o IFCS, enfrentamos a questão objetiva da falta de condições físicas para realização presente e expansão futura de nossas atividades. Temos atualmente 1008 graduandos com matrícula ativa, 52 professores permanentes e 14 substitutos, 28 técnicos, 2 cursos de graduação e 5 (futuramente 6) cursos de pós-graduação stricto sensu (mais 250 alunos, aproximadamente). Majoritariamente, nossos entraves cotidianos se devem às péssimas condições de trabalho em um prédio que, além de muito precarizado, não comporta mais as expectativas de ocupação das suas unidades. Nós, docentes, discentes, técnicos-administrativos, precisamos refletir conjuntamente sobre as condições atuais e projetos futuros dos laboratórios, extensão, relações internacionais, setores administrativos, metas de utilização dos espaços pelos estudantes, dentre outros. Por isso, vamos levar ao debate e deliberação pelos órgãos colegiados **a possibilidade, viabilidade e oportunidade de mudança da nossa sede atual (e que tipo de mudança queremos), em médio prazo.**

## Ponto 2. Propostas para orçamento e gestão administrativa

O Instituto de História não possui autonomia financeira, não é uma unidade gestora. Nossa unidade gestora — assim como no caso das demais unidades do mesmo centro — é o CFCH. Isto tem muitas consequências para o modo de ação da Direção na obtenção de liberação de recursos, bens e serviços, sendo a principal delas a necessidade de um canal contínuo com a superintendência e a decania do CFCH para garantia, por exemplo, de obras emergenciais e tudo o que não está previsto no orçamento participativo. No geral, não há dinheiro para imprevistos, embora seja possível negociar verbas em caráter emergencial, mas raramente com a necessária imediatez.

Daí a importância de atuar no contexto do CFCH para melhorar as planilhas orçamentárias do centro, tornando-as mais acuradas e possibilitando maior manejo naquilo que prevemos como gastos futuros nos orçamentos anuais. Por isso, no âmbito do Instituto de História, **precisamos manejar a alocação de recursos (para o ano seguinte), da maneira mais eficaz possível, considerando as necessidades de discentes, técnicos, professores, em suas salas de trabalho, de aula, de laboratório:**

- I) **é preciso conduzir a construção da previsão orçamentária, dentro de suas limitações, a uma maior participação dos docentes (áreas e laboratórios), gabinetes administrativos e representação estudantil**, a fim de assegurar a correta alocação dos bens, materiais de consumo e serviços solicitados via orçamento participativo ao CFCH.

O setor técnico-administrativo, por seu lado, tem uma discussão própria a realizar, acerca da adoção do PGD. O IH lançou o edital de pré-adesão, como unidade. Mas mesmo com a demonstração de que estamos interessados em debater e implantar um Plano de Gestão e Desenvolvimento de pessoal, a adesão não é obrigatória e cabe a cada funcionário definir seu regime futuro, assim como cabe a cada seção administrativa delimitar e apresentar um plano trimestral de atividades para aqueles que ingressarem no PGD. Portanto,

- I) Como candidatas à Direção, entendemos que a discussão do PGD precisa ser feita, que a adesão de cada um não é obrigatória, mas vemos, em seu conjunto, positivamente uma modalidade de computo das tarefas por produtividade, em lugar de carga horária aferida por ponto manual ou eletrônico. **Esta discussão cabe, contudo, ao Diretor quando eleito, portanto, nos resumiremos a indicar o posicionamento favorável da chapa à adesão ao PGD pelo IH.**
- II) Independente da questão do PGD, para nós é de crucial importância realizar reformulações em alguns setores, mantendo o diálogo com os técnicos sempre aberto e acatando sugestões da categoria. Queremos, por exemplo, **estudar a possibilidade de criação de funções gratificadas com atribuições específicas para a chefia dos técnicos da DAG e das coordenações de pós.**
- III) É importante realizar estudos para fundamentar um possível aumento do quadro de técnicos, daí a necessidade, que pode ser equacionada pelo PGD, de fazer uma radiografia das tarefas e da situação dos funcionários de cada setor
- IV) Vamos estudar como melhorar a assessoria da direção do IH para o agenciamento das questões da vida funcional como aposentadoria, abono permanência, gratificações, incentivando a progressão funcional e, principalmente a capacitação formal e informal para os cargos, assim como a qualificação acadêmica

## Ponto 3. Propostas para a graduação, a pós-graduação e corpo discente

As direções adjuntas de graduação, extensão, relações internacionais, bem como as coordenações de pós, devem ter autonomia para a definição de suas prioridades, pois funcionam com regimes heterogêneos de concessão de verbas diretas e relacionamento institucional com as

pró reitorias de graduação e pós, respondendo a políticas mais amplas, dentro da UFRJ, quanto à licenciatura, extensão, pesquisa e relações internacionais. Nem todos os ocupantes dos cargos relativos a essas áreas são escolhidos pela Direção do IH, embora todos sejam homologados em congregação. Portanto, seus potenciais ocupantes não são membros de uma chapa, mas professores do quadro permanente do IH. É possível que haja manutenção ou substituição dos atuais ocupantes dos cargos vinculados à Direção, através de um período de transição que garanta, por exemplo, a consolidação de políticas atuais quanto à manutenção de vínculo dos estudantes matriculados sob o currículo antigo. Porém, temos algumas expectativas quanto à condução das direções adjuntas, à integração dos programas de pós, que gostaríamos de pontuar aqui como propostas de relacionamento.

- I) **Diálogo contínuo entre a DAG e a DAEX.** As direções de graduação e extensão devem realizar um trabalho mais orgânico. **Precisamos incorporar concretamente a extensão aos currículos de bacharelado e licenciatura, aumentando a oferta para atender a demanda e oferecendo, ao mesmo tempo, soluções para a equivalência entre a carga horária docente de ensino e extensão,** na medida em que ambas constituem trabalho acadêmico efetivo em sala de aula
- II) **Revisão curricular do bacharelado,** por conta da necessidade de elaborarmos melhor e estrategicamente o perfil do bacharel em História que nosso curso pretende formar, levando em consideração os diversos campos de atuação profissional. A incorporação de disciplinas sobre os temas do patrimônio e da memória, humanidades digitais, formação de arquivos históricos etc. (e por exemplo), deve ser considerada
- III) **Balanco do currículo de licenciatura,** para melhor ajustá-lo ao perfil acadêmico do IH no que tange a suas ações de ensino, pesquisa e extensão
- IV) Tendo em vista que constituímos o mesmo grupo de professores em dois cursos com formações profissionais que a lei distinguiu, refletir sobre a melhor maneira de **conectar bacharelado e licenciatura,** quer através do currículo, quer através da participação em laboratórios e/ou eventos
- V) **Refletir com as coordenações e colegiados de pós, sobre as vantagens e desvantagens/empecilhos para a integração e cooperação,** através, por exemplo, mas não necessariamente, da criação de uma secretaria de pós-graduação. Queremos pensar um formato de cooperação que respeite a autonomia dos PPGs, mas compactue com uma estratégia institucional de criação de disciplinas, eventos, publicações conjuntas
- VI) Por fim, gostaríamos de poder **fomentar a oferta cursos de especialização lato sensu gratuitos.** Isso depende, contudo, da problemática das nossas atuais condições de trabalho e, sobretudo, do comprometimento da carga horária docente com a tarefa de organizar, gerir, coordenar, orientar, avaliar e ministrar cursos. Depende ainda de um aumento do nosso quadro de funcionários

Todos os pontos anteriores deste programa dizem respeito diretamente ao corpo discente, que deve se fazer representar em todos os debates e deliberações coletivas — em colegiados oficiais ou reuniões informais — discutindo e decidindo, inclusive, sobre planejamento orçamentário e mudança de sede. Nossa tarefa será incentivar o uso de espaços institucionais — plenária de graduação, congregação e comissões — que são de importância estratégica para a representação discente. Além disso, como chapa, nós nos comprometemos a manter os atuais canais de comunicação cotidiana entre o CAMMA e a direção, **procurando fomentar as reuniões presenciais periodicamente realizadas.** Em síntese, propomos principalmente:

- I) Balanço/revisão curricular e, particularmente, estudo do perfil profissional do bacharel em História, para a possível introdução / valorização de disciplinas relativas a

humanidades digitais, metodologia de pesquisa, patrimônio, apenas para citar alguns exemplos.

- II) Ampla participação discente nas etapas e decisões envolvendo o currículo e a expansão de nossas atividades;
- III) Compromisso com a garantia da formatura dos discentes ainda vinculados ao currículo antigo, atualmente em processo de transição
- IV) apoio e coparticipação da direção nas reivindicações estudantis por melhora do atendimento do bandeirão, situação de trabalho dos terceirizados, solução dos problemas infraestruturais e falta de verbas

#### **Ponto 4. Propostas para o corpo docente**

Como professoras no corpo docente do IH, somos também afetadas pelas mesmas péssimas condições de trabalho impostas a docentes e técnicos. Em seus pontos anteriores, o programa de trabalho da chapa abordou problemas e possíveis soluções para questões de relacionamento entre as unidades do prédio, reformas infraestruturais etc. Pontuaremos abaixo propostas mais específicas, tendo em foco o respeito e a valorização do trabalho docente em ensino, pesquisa, extensão e administração:

- I) melhoria do apoio ao docente em questões de carreira como progressão funcional, aposentadoria, abono permanência, licenças médicas ou de capacitação, com divulgação das regras nas reuniões plenárias e via website, facilitação do acesso à documentação e assessoria para montagem de processos;
- II) respeito à autonomia de “cátedra”
- III) realização de estudos em conjunto com a DAG e DAEX para um melhor equilíbrio da carga horária docente entre ensino, orientações, laboratórios, oficinas e extensão, equilíbrio que deve melhorar as condições qualitativas da oferta de requisitos curriculares pelos professores
- IV) oferecimento de canais regulares de atendimento para demandas quanto à aquisição de material permanente, consumo e serviços para coordenações de área e laboratórios de pesquisa

Por fim, ensejamos fomentar ações que digam respeito à conscientização do corpo social sobre o combate ao racismo e à violência de gênero; à valorização das diferenças religiosas e LGBTQIAP+; à implementação de medidas de proteção ambiental que levem em consideração a sustentabilidade da nossa ocupação/atuação. Acreditamos, ainda, em um posicionamento democrático e participativo. Finalmente, afirmamos que o Instituto de História precisa se projetar como uma unidade singular e relevante, na linha de frente de uma batalha pelo ensino público, gratuito, de qualidade e diversidade, visível e valorizado pela sociedade brasileira. E reiteramos, com isso, nosso compromisso, perante todo o corpo social do Instituto de História, de atuar prioritariamente para conseguir não apenas a melhoria, mas a melhor solução possível aos nossos problemas de infraestrutura e condições materiais.

Atenciosamente,

Marta Mega  
Lise Sedrez